

# “Falta estratégia para o agronegócio”



**Roberto Rodrigues**

Coordenador do Centro de Agronegócio da EESP/FGV

**Solange Monteiro,** da Rio de Janeiro

Dois mil e onze foi um ano particularmente feliz para Roberto Rodrigues. Depois de décadas na defesa de um programa de sensibilização sobre o potencial do agronegócio brasileiro, o ex-ministro da Agricultura, empresário e acadêmico — Coordenador do Centro de Agronegócio da Escola de Economia de São Paulo da FGV — conseguiu juntar quase R\$ 13 milhões de várias entidades para lançar o movimento Sou Agro, com o objetivo de conscientizar os brasileiros da importância do campo para a economia nacional. “Se a sociedade continuar achando que o agro é atrasado, é indolente, e ainda por cima estraga o meio ambiente, nunca vamos ter uma política pública consistente”, disse. Na entrevista, defende que a venda de terras para entidades privadas estrangeiras deveria ser mantida. Também justifica a capacidade do país em assumir a liderança mundial de um projeto de segurança alimentar e energia sustentável. E lamenta a falta de uma estratégia definida, tanto pública quanto privada, para o agronegócio. (leia a entrevista na íntegra em [www.conjunturaeconomica.com.br](http://www.conjunturaeconomica.com.br)).

*Conjuntura* — Nos últimos anos, muito se tem mencionado sobre a vocação agrícola do Brasil e sua importância mundial. Quais são os ícones do agronegócio brasileiro que colocaram o país nessa posição?

Roberto Rodrigues — O grande movimento que houve nesse sentido foi a abertura do cerrado brasileiro no começo dos anos 1970 com o famoso Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados (Prodecer), financiado pelos governos brasileiro e japonês por meio de cooperativas e assentamentos no cerrado, e que coincidiu com a criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), em 1973. Para se ter uma ideia, nessa época eu era um caboclinho da roça e comprei uma fazenda no cerrado. Meu pai, que era um agricultor competente e um agrônomo muito sério, me disse: “Meu filho, você vai quebrar a cara. Cerrado, nem herdado nem ganhado”. Porque ninguém queria terra ruim, e a terra lá era uma porcaria naquele tempo. A chegada da tecnologia ao cerrado é marcada por um trinômio indescritível para o agro brasileiro: a braquiária, o zebu e a soja. A braquiária é um capim rústico que se adaptou ao cerrado da maneira mais tranquila possível dando condição ao crescimento exponencial da pecuária por meio do zebu, sobretudo o nelore. Já a soja, ao fixar nitrogênio no solo, passou a melhorar sua qualidade, e o cerrado se transformou na ambição do bandeirante moderno: o gaúcho, o paranaense, o catarinense, que tinham dez, 15 hectares no Sul, venderam aquilo e foram para o Centro-Oeste comprar dez mil, 20 mil hectares, transformando aquela região, integrando o país, ocupando o território nacional e dando uma dimensão continental à nossa agricultura.

Em julho deste ano foi lançado o movimento Sou Agro, sob sua coordenação. Na ocasião, o senhor comentou que há muitos anos tentava emplacá-lo, em vão. Por que essa adesão só aconteceu agora?



Eu fui presidente da Sociedade Rural Brasileira, fui ministro da Agricultura, secretário em São Paulo, e acabei convencido de que em uma democracia como é, felizmente, o caso do Brasil, as políticas públicas só são implementadas se a maioria da sociedade for favorável a elas. Se a sociedade continuar achando que o agro é atrasado, é indolente, que não compete, que é caloteiro, como diria o Fernando Henrique Cardoso, e ainda por cima estraga o meio ambiente, nunca vamos ter uma política pública consistente. Há 30 anos venho tentando criar movimentos que permitissem mudar esse cenário. Por que isso só aconteceu agora? Faltou governo? Não, porque o governo não vai fazer propaganda de mim se eu não o fizer. O fato é que, de repente, o Brasil passou a ser olhado de fora para dentro como uma potência agrícola emergente. Essa questão ganhou uma dimensão formidável a partir do final do ano passado, quando a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) realizou um estudo e concluiu que nos próximos dez anos a oferta mundial de alimentos tem que crescer 20%. De acordo com a própria OCDE, esse crescimento teria percentuais diferentes de acordo com a região de origem. Por exemplo: na União Europeia, seria só 4%; na Austrália, 7%; nos EUA e no Canadá, no máximo 15%; na China, Índia, Ucrânia, Rússia, de 25% a 26%; e no Brasil, 40%. Ou seja, é a OCDE, num estudo muito sério, apresentando uma visão global, acadêmica, poderosa, quem diz: para que o mundo cresça 20% em dez anos, a agricultura do Brasil tem que crescer 40%. O estudo coincide com a vinda de capitais internacionais, mostrando que o mundo tinha despertado para esse Brasil mais agressivo do ponto de vista agrícola.

#### **O que propiciou essa capacitação dos produtores brasileiros?**

Até entre o Plano Collor e o Plano Real, a agricultura brasileira era um setor protegido pelo governo, recebendo tratamento altamente paternalista, com políticas públicas ruins, protecionistas, em um país com inflação de 80% ao mês e fechado em relação ao resto do mundo. Essa realidade mudou radicalmente em quatro anos: a inflação foi

dominada, o Estado perdeu a capacidade de intervir e o Brasil foi aberto à concorrência internacional sem nenhum tipo de proteção. Essa tríplice colisão representada pela abertura brusca, pela civilização da inflação e pela falência das políticas públicas provocou duas ondas simultâneas no agro brasileiro. Uma, de exclusão: milhares de produtores desapareceram nesse processo, sobretudo pequenos do Sul e do Nordeste e grandes do Centro-Oeste que não tinham conseguido fechar suas contas. A outra, entretanto, trouxe um impacto de competitividade muito vigoroso, lastreado em duas questões: tecnologia e gestão. A tecnologia já existia, com os pacotes oferecidos pela Embrapa. Mas não havia gestão voltada para o campo, nem programas de *software* na área de informática que permitissem a modernização do setor. Foi uma luta de quase dez anos para que esses mecanismos chegassem ao campo.

**Em nível mundial, em termos de liderança e estratégia, quem o senhor destacaria como de maior influência dentro das questões que envolvem o agronegócio?**

Hoje, eu participo de muitos *boards* acadêmicos mundo afora. Uma das coisas que observo é a inexistência de líderes no mundo, inclusive institucionalmente. Eu tenho conversado muito sobre esse assunto por aí afora e concluo que, com a economia globalizada, não há espaço para esse tipo de liderança, porque o driver do mundo contemporâneo é financeiro. É o sistema financeiro, ou as finanças, não tem ideologia, não tem pátria, não tem religião. A área financeira, só pensa uma coisa: a sua multiplicação, a sua concentração. Isso leva a impactos terríveis como as crises econômicas. Então, se não existe uma liderança, e o mundo não tem direção nesse desvã financeiro, nós temos que encontrar algo que empolgue o planeta: pobres, ricos, asiáticos, africanos, americanos, europeus... Eu estou convencido de que esse projeto é aquele ao qual o

***Meu pai, que era um agricultor competente e um agrônomo muito sério, me disse: "Meu filho, você vai quebrar a cara. Cerrado, nem berlado nem ganhado"***



mundo está debruçado todos os dias. Então minha proposta é que o mundo se debruce num projeto que seja segurança alimentar e energética com sustentabilidade.

**O senhor acha que o agronegócio brasileiro tem uma imagem suficientemente sustentável para liderar esse projeto?**

Nos últimos 20 anos, a área plantada com grãos cresceu 30% no Brasil, e a produção de grãos cresceu 179% — seis vezes mais. Esses números que esgrimo em palestras que faço no mundo inteiro já são notáveis, todos ficam boquiabertos. Qual o país mais importante e grande para uma revolução dessa magnitude, tecnologicamente falando? Atualmente, nós cultivamos 49 milhões de hectares com grãos. Se tivéssemos hoje a mesma produtividade de 20 anos atrás, precisaríamos de mais 53 milhões de hectares com tecnologia moderníssima, competente, tropical, única no mundo. E é essa tecnologia que atrai capital internacional. A energia renovável, do ponto de vista ambiental, é o que eles estão olhando. E temos isso pronto, ou melhor, parcialmente pronto, porque não temos logística, nossa política comercial é uma tragédia, não temos defesa sanitária. Nós não temos estratégia. Mas minha proposta é a de que o Brasil assuma a liderança, pelo menos circunstancial, de um projeto global de segurança alimentar e energia sustentável, pois já fizemos uma parte da lição de casa que os outros ainda não fizeram.

**Quais, então, são os principais desafios para o Brasil conquistar esse posto de liderança?**

São cinco. A logística e a infraestrutura são os mais graves. Qualquer aumento na produção de grãos mata o país. A pior crise agrícola é a da abundância, porque leva 50 anos para eliminar o gargalo. O segundo é política de renda. O mundo inteiro tem seguro rural funcionando, tem política de sustentação de preços, e nós não temos. Agora mesmo estamos vivendo esse momento maravilhoso de preços altos, e o que está acontecendo? Todo

*Não basta tomar a decisão de industrializar o setor para agregar valor. A industrialização só pode ocorrer na cauda de grandes acordos comerciais privados e públicos*

mundo vai plantar mais, comprar mais adubo, mais máquinas. Olho essas coisas e fico fazendo uma montanha imaginária na minha cabeça, com um trenzinho subindo. A locomotiva é o preço agrícola: está subindo porque a oferta é menor que a demanda, o consumo está crescendo por causa dos países emergentes, e o trem vai subindo. Os vagões são o adubo,

a máquina, o defensivo, as sementes, o crédito, o transporte... Todos faturando em cima do preço agrícola, que é a locomotiva. Até chegar o momento em que a oferta se iguala à demanda, os estoques se normalizam, e a locomotiva começa a descer o morro. A tragédia dessa questão, que eu já vi pelo menos três vezes nessa minha longa vida agrícola, é que quando a locomotiva vai descendo o morro, os vagões ainda estão subindo, por um efeito retardatário, e aí os custos explodem, os preços despencam e o setor quebra. E o que acontece? Vem a negociação de dívida, o Tesouro fica chateado, aquela conversa que não acaba nunca mais. Então, uma política de renda para o campo é fundamental para acabar com esse negócio repetitivo e ridículo de 50 anos.

**Os acordos comerciais também influem nesse cenário?**

Sim, o terceiro fator é nossa necessidade de comércio. Nos últimos dez anos colocamos toda a nossa expectativa na Rodada de Doha, não fizemos nenhum acordo bilateral. Todo mundo fez acordo bilateral. Ficamos para trás. Por isso precisamos fazer uma política comercial muito mais agressiva que implique acordos governamentais e privados também, para agregar valor e participar de forma mais definitiva dos mercados globais. O quarto ponto é a defesa sanitária. É o fim do mundo que o Brasil ainda tenha aftosa. Isso se deve à visão ridícula de homens públicos: governadores de alguns estados em que existe a aftosa, que não querem acabar com ela porque não exportam gado. A defesa sanitária é um calcanhar de aquiles que nos faz perder milhões de dólares em exportação de carne porque não há dinheiro para a



defesa sanitária do Ministério da Agricultura. E um quinto tema é o da tecnologia. Nós temos, de longe, a melhor tecnologia tropical do planeta. Mas esse é um cenário dinâmico, então você tem que investir sempre em tecnologia, mais dinheiro, e, sobretudo, privado. O Estado não pode fazer tudo.

**Qual o peso que o senhor atribui a fatores regulatórios, como o Código Florestal e a restrição de venda de terras para estrangeiros?**

Quanto ao Código Florestal, eu defendo que haja uma lei definitiva com um mínimo de equilíbrio e que sejam compatibilizadas as questões da sustentabilidade, o interesse do agricultor e do ambientalista. Acho que o projeto aprovado na Câmara dos Deputados precisa de algumas correções, extinguindo radicalismo ideológico retrógrado dos dois lados. Quanto à venda de terra para estrangeiro, eu acho que deve ser evitada por governos estrangeiros. Agora, o setor privado deveria poder, qual é o problema? A legislação previa que empresa brasileira de capital estrangeiro podia comprar terra. Agora não pode mais. Isso é um fator altamente desestimulante. Há um cálculo feito pelo Andre Pessoa de que US\$ 15 bilhões deixaram de entrar no Brasil no último ano por causa dessa questão. É realmente uma estupidez.

**Este ano, os preços agrícolas atingiram níveis acima dos históricos. Acabaram-se os alimentos baratos? Quais os principais fatores que devem ser combatidos para esses preços se estabilizarem?**

O único fator é equilibrar a oferta e a demanda. Se a oferta aumentar, o que vai acontecer é: 1. os preços vão puxar mais; 2. políticas públicas que os países tenham para ajudar e não atrapalhar; 3. eliminar os subsídios de países desenvolvidos. Se reduzir o subsídio, a explosão de produção é imediata nos países tropicais, na África, na Ásia, que hoje não competem porque há subsídio. Isso aconteceria em três ou quatro anos. Agora, é claro que fundos, especuladores, vendo os fundamentos sólidos

de que os estoques são mais baixos, que a demanda continua aquecida e a oferta não acompanha, eles vêm, e o preço sobe um pouco mais. Mas não acho que esse componente especulativo seja fundamental, nem relevante. O relevante é simplesmente uma lei irrevogável como a da gravidade, que é a da oferta e da procura. E vai equilibrar. Dizer que os preços nunca mais vão cair é a maior cretinice: vão cair sim, porque, mais cedo ou mais tarde, com os preços altos, a produção vai aumentar, os estoques vão se igualar, e os preços vão cair como sempre. Em algum momento haverá equilíbrio dos estoques e os preços vão cair. Quando, não sei.

**Hoje, o Brasil concentra sua agricultura em produtos cuja maior parte é destinada ao mercado internacional, os quais, apesar da valorização do real frente ao dólar, vêm se beneficiando do aumento dos preços internacionais. É possível ver riscos no horizonte de médio prazo que comprometam a alta desses preços?**

Agora você tocou numa questão perigosa. Há muitos riscos. A China é um risco. Imagina se a inflação explode, se eles decidem mudar o programa de importação. É um mercado absorvente, e é um risco não só para o Brasil, mas para o mundo inteiro. Por isso, abrir mercados é importante, e a política comercial é um dos temas centrais. Outra questão é a agregação de valor. Nesse caso, porém, há diferenças. Eu vejo gente falando: "O Brasil exporta soja, e deveria exportar chip". Isso é uma visão ridícula, pois em um grão de soja há um mar de tecnologia, investimentos de milhões de dólares. Por outro lado, o Brasil exporta hoje mais ou menos um terço do café verde do mundo, e menos de 3% do café torrado e moído. Já a Alemanha e

a Itália, que não têm pé de café, exportam mais da metade do mercado mundial desse produto. Então vamos torrar e moer café para vendê-lo, certo? Não. Se o Brasil mandar esse café para um porto qualquer na Europa ou no Japão, e não tiver um acordo

***A China é um risco. Imagina se a inflação explode, se eles decidem mudar o programa de importação. É um risco não só para o Brasil, mas para o mundo***



comercial com os distribuidores, esse café morre no porto. Não basta industrializar o setor para agregar valor. A industrialização só pode ocorrer na cauda de grandes acordos comerciais privados e públicos.

**Hoje a produção agrícola voltada à geração de biocombustíveis é questionada, sob a alegação de agravar a questão da segurança alimentar em nível mundial. O Brasil, nesse aspecto, corre risco de ser um vilão?**


Energia é o tema crucial da atualidade. Os dados da OCDE sobre demanda mundial de alimentos para os próximos dez, 20, 30 anos são pequenos se comparados com os da Agência Internacional de Energia. É simples de se entender. O Japão, a União Europeia e os Estados Unidos, somados, têm uma média de 61 automóveis para cada cem habitantes. A China e a Índia, que representam um terço da população do planeta, têm menos de três automóveis para cada cem habitantes. Eles estão com medo, porque comida eles possuem, mas combustível não, pois é caro. Só que, nos últimos anos, a China foi o país que mais comprou carros no mundo inteiro. Ou seja, eles vão ter carros, e vão consumir muito mais combustível do que comida. É evidente que o petróleo não será a salvação para tudo isso. Portanto, a agroenergia tem um papel fundamental nesse processo. É claro que não é substituir alimento por energia. Mas temos o modelo, até com a cana-de-açúcar e a celulose, num segundo momento. Esse negócio cria uma nova visão que, do meu ponto de vista, muda a geopolítica global. Por quê? Porque alimento, qualquer país pode produzir. Até na Sibéria. Você coloca uma estufa lá e faz. Custa caro? Custa, mas se pode fazer. Já a agroenergia, não: só pode ser feita com eficiência se tiver sol o ano inteiro. E onde tem sol o ano inteiro? Entre o trópico de Câncer e o de Capricórnio, onde se localizam a América Latina, a África Subsaariana e a Ásia mais pobre.

Ainda assim, quando se trata de biocombustível, temos ajustes a fazer, já que hoje enfrentamos problemas com a oferta de etanol.

Isso aconteceu porque aqui não há estratégia. Nem pública, nem privada. É verdade que houve vários fatores que encaminharam para essa situação. Em 2009, choveu para cacete, e deixamos de colher 60 milhões de toneladas de cana. Em 2010, houve uma seca brutal, e produzimos 50 milhões de toneladas a menos. Este ano a estimativa é a de que a safra seja 15% menor. Isso significa quase 200 milhões de toneladas a menos em três anos; a 70 litros por tonelada, você faz a conta de quanto se deixou de produzir. Em segundo lugar, a demanda interna cresceu enormemente por causa do carro flex. O terceiro fator é a explosão do preço do açúcar, então produziu-se mais açúcar que álcool. Mas nenhum desses fatores existiria se houvesse uma estratégia clara, definida, sobre estocagem, logística, produção, financiamento.

**Qual é a sua expectativa quanto à ação do Ministério da Agricultura?**

Tenho esperança de que faça um bom trabalho. Mas veja: quem estabelece os acordos internacionais é o Itamaraty. Quem dita as regras de comércio é o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior com a Câmara de Comércio Exterior (Camex); e quem estabelece a questão florestal é o Ministério do Meio Ambiente. Quem decide a questão fundiária é o Ministério do Desenvolvimento Agrário; quem resolve a questão de ferrovias, rodovias é a pasta dos Transportes, e dos portos, é a dos Portos. Quem cuida do financiamento é o BNDES e o Banco do Brasil; quem põe e planeja recursos é o Ministério do Planejamento; e quem estabelece taxa de juros e o câmbio é o Banco Central. Ou seja, se não houver uma estratégia de Estado, pode pôr Jesus Cristo de ministro que ele vai dar trombada com Deus e o mundo, com vaidades e ambições, e não vai acontecer nada.

Eu vivo de esperança, que é a gasolina da vida. Estou com 70 anos e espero viver mais 30 para ver essa coisa consertar e funcionar de verdade. Mas precisamos ter estratégia. 

*Eu vivo de esperança, que é a gasolina da vida.  
Estou com 70 anos e espero viver mais 30 para ver  
essa coisa consertar e funcionar de verdade.  
Mas precisamos ter estratégia*